

Queimadas aumentaram em julho

E A TENDÊNCIA PARA AGOSTO É DE CRESCIMENTO

O Brasil volta a queimar em ritmo crescente. As queimadas começaram devagar, em junho, dobrando em número durante o mês de julho e indicando uma tendên-

cia de aumento para agosto. No auge da estação seca, sem chuvas imprevistas para atrapalhar, os fazendeiros adeptos das queimadas só encontram obstáculo na crise

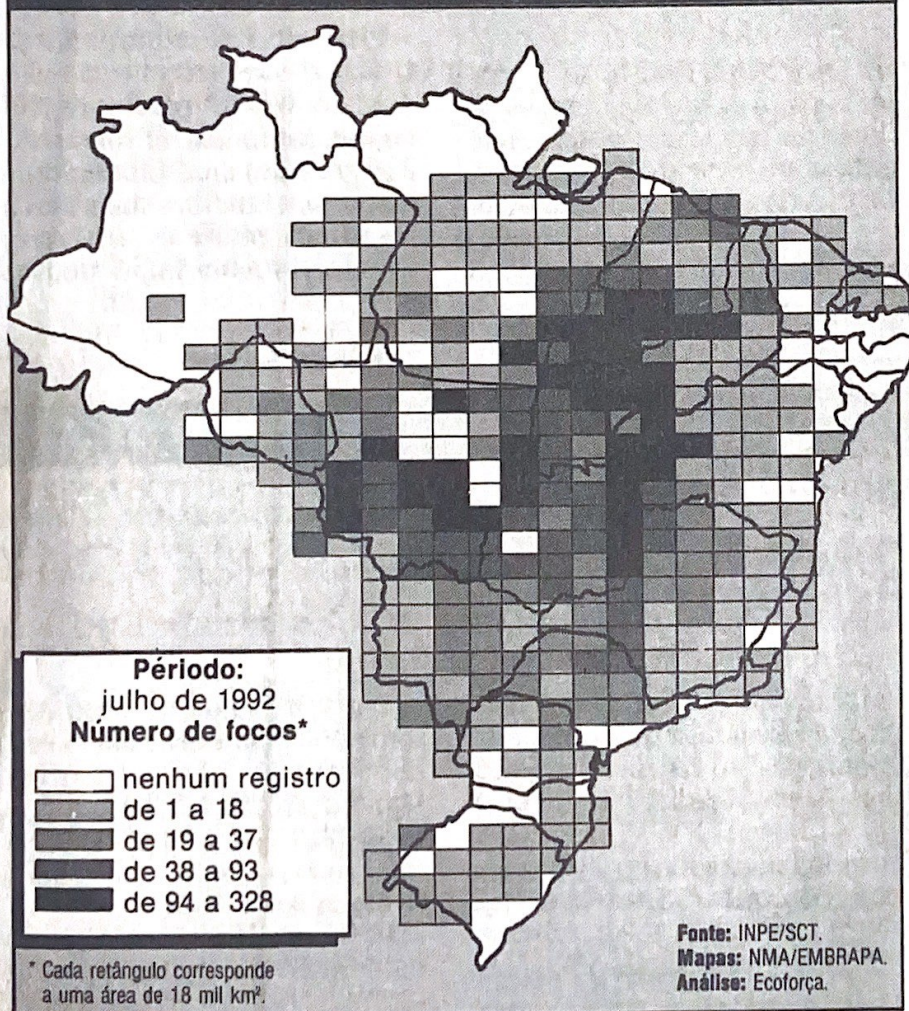
econômica, que os deixa sem capital disponível para o desmatamento de novas áreas.

As queimadas são motivo de preocupação internacional devido à sua contribuição para o efeito estufa. Mas as realizadas em pastagens, canaviais e lavouras jogam na atmosfera quase a mesma quantidade de carbono retirada durante o seu crescimento anual. Ou seja, o balanço anual entre gases emitidos e absorvidos é praticamente zero. Esse tipo de queimada agrícola não teria, então, consequências ambientais globais, mas tem seus impactos locais: o solo fica ressecado e mais sujeito a erosão, o equilíbrio entre os microorganismos é prejudicado e a fauna perde o alimento ou a vida.

O monitoramento de queimadas no Brasil começou em junho e segue até outubro, com base nos dados do satélite americano NOAA. As imagens são processadas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, INPE, e pelo Núcleo de Monitoramento Ambiental (NMA). Nesta estação seca, as queimadas até agora registradas são predominantemente agrícolas. Elas vem ocorrendo em áreas já ocupadas - sobretudo onde há pastagens, nativas ou cultivadas, e na zona canavieira de São Paulo - com uma distribuição e números muito semelhantes aos do mesmo período do ano passado.

Queimadas do Brasil

Mato Grosso e Tocantins concentraram o maior número de queimadas em julho. O extremo Norte foi a única parte do País que escapou da devastação pelo fogo.



Liana John/AE